

CHRISTIE, F. & MARTIN, J. R. (EDS.) GENRE AND INSTITUTIONS: SOCIAL PROCESSES IN THE WORKPLACE AND SCHOOL. LONDRES E NOVA YORK: CONTINUUM, 1997, 270 PÁGS.

Resenhado por: Flávio S. Silva

Em *Genre and institutions: social processes in the workplace and school* somos apresentados a uma discussão representativa, vista a grande quantidade de trabalho sobre a teoria de gênero desenvolvida ao longo dos anos. A obra apresenta-se como resultado de uma pesquisa de aproximadamente quinze anos, realizada na Austrália, pelo Departamento de Lingüística da Universidade de Sidney e empreendida sob a perspectiva da Lingüística Funcional Sistêmica. Oferece também alguns conceitos recentes da Lingüística Funcional Sistêmica sobre gênero, ilustrando a gramática funcional de Halliday que sobrevive como uma ferramenta crítica em análises e pesquisas sobre gênero.

A discussão é feita em torno de análises das instâncias dos textos coletados em locais de trabalho e no âmbito escolar. A maioria das análises é de gêneros escritos, mas são analisados também gêneros incorporados à fala, referentes a textos orais em sala de aula.

O livro é composto de oito capítulos que não pretendem nenhuma ordem. Martin, no capítulo de abertura, oferece-nos uma revisão de algumas perspectivas teóricas críticas que vão modelar a discussão nos capítulos posteriores. Rose, Iedema e White retomam o significado no qual os gêneros do local trabalho ou da comunidade são examinados. Rose estuda os gêneros da ciência e tecnologia, Iedema os da administração em uma mostra de locais de trabalho e White analisa as narrativas de reportagens 'hard news'. O capítulo de Christie introduz uma seqüência de capítulos que explora os gêneros do ensino. É voltado para os gêneros orais e para a maneira na qual as posições da matéria pedagógica são construídas na conversa pedagógica e Veel, Coffin e Rothery e Stenglim examinam gêneros escritos em uma série de matérias significativas da escola secundária como ciências, história e inglês.

A obra apresenta uma teoria sobre o papel do gênero na construção social da experiência e sua tese inclui a visão de que os processos educaci-

onais são críticos na construção de várias posições sociais de relevância no mundo além da escola, do trabalho e comunidade.

Em “Analysing genre: functional parameters”, J. R. Martin analisa os recursos e delinea os termos da estrutura lingüística que serão desenvolvidos nos outros capítulos e detalha alguns desenvolvimentos recentes que nascem criticamente nas análises empreendidas. Martin prepara o terreno, deixando claro que as análises são abordadas na teoria conhecida como Lingüística Funcional Sistêmica. Neste ponto destacamos a noção que permeia toda a obra: a língua e o contexto social, assim como os sistemas semióticos, possuem uma relação de realização um com o outro. Esta realização também implica que a língua constrói o contexto social e é construída por este.

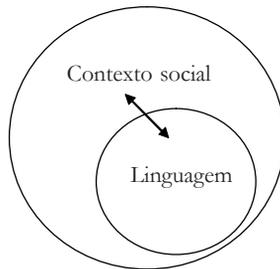


Figura 1.1. A linguagem como realização do contexto social (Martin, 1997: 4)

David Rose em “Science, technology and technical literacies” explora as relações entre letramentos técnicos aprendidos em estágios de educação em ciência e empregados em vários contextos da indústria. Rose discute as relações entre os sistemas de produção estratificados das economias ocidentais e os resultados altamente estratificados de seus sistemas educacionais. Em seguida, analisa a natureza do discurso técnico em cada segmento da educação e da indústria.

Em “The language of administration: organizing human activity in formal institutions” Rick Iedema discute os modos pelos quais realizamos certas práticas em ambientes burocrático-administrativos. Considera que estas práticas institucionais nos constroem, pois exigem que as realizemos de acordo com regras estabelecidas em modos particulares, em horas particulares e em lugares particulares. Além disso, analisa como as diferenças em realização sugerem diferenças entre posições, examinando o contexto, bem como os aspectos semânticos e lexicogramaticais.

Em “Death, disruption and the moral order: the narrative impulsive in mass-media ‘hard news’ reporting” Peter White explora o gênero notícia em veículos de comunicação de massa. Enfoca, em particular, reportagens da imprensa em língua inglesa, examinando tanto a organização genérica das reportagens como seus objetivos sociais e ideológicos. Os textos analisados são reportagens conhecidas como ‘hard news’: associadas com violência, reversos de fortuna e brechas socialmente significantes de ordem moral. Inclui ainda reportagens de acidentes, desastres naturais, motim ou ataque terrorista ou entrevistas etc.

Em “Curriculum macrogenres as forms of initiation into a culture”, Frances Christie analisa dois textos de escola primária, selecionados por seu *status*, como uma instância de gênero de currículo de educação infantil e como um macrogênero de currículo da escola primária superior, nos quais certos discursos pedagógicos estão em operação, posicionando o sujeito pedagógico e criando, por sua vez, formas particulares de consciência. Este capítulo, entre outros objetivos, pretende ampliar a discussão e explicar como o discurso pedagógico adquire *controle simbólico*, como o acesso a formas de conhecimento é obtido e que formas de conhecimento estão disponíveis aos grupos sociais.

Em “Learning how to mean – scientifically speaking: apprenticeship into scientific discourse in the secondary school”, Robert Veal explora a língua escrita da ciência, atentando para o fato de como a língua escrita constrói os modos dos alunos pensarem o mundo; os modos pelos quais o organiza como ‘científico’, ‘lógico’ e ‘racional’. Analisa características de alguns tipos de textos escritos da ciência, considerando que estes textos privilegiam certos tipos de significados e constroem certos tipos de sujeitos pedagógicos ‘ideais’ em sala de aula. Veal discute ainda que tanto a pesquisa lingüística quanto a não-lingüística admitem que a língua é constitutiva de significado e contexto social, portanto a ciência na escola pode ser considerada como construtora de uma esfera específica, de uma realidade científica, construindo funções para os alunos dentro desta esfera.

Em “*Constructing and giving value to the past: na investigation into secondary school history*”, Caroline Coffin explora natureza e a função do texto escrito de história. Traça uma trajetória para mostrar a relação entre o repertório lingüístico de alunos de história e seu movimento de construção do passado como estória, construindo argumentos. Os alunos aprendem como reconstituir o passado de maneira crescentemente abstrata, servindo a um

tipo de aprendizagem. Aprendem também a pensar e representar como historiadores. Coffin discute ainda que os significados relevantes em uma prática de história são construídos socialmente. Mediante a esta prática os alunos aprendem a construir uma ‘realidade histórica’. Dessa forma podem compreender a complexidade de ideologias, valores e crenças que determinam as práticas discursivas e são determinadas por elas.

Em “Entertaining and instructing: exploring experience through story”, Joan Rothery e Maree Stenglin exploram a “estória” de uma perspectiva de sua estrutura genérica. Discutem que esse gênero não é processo social homogêneo, mas uma tipologia no qual uma série de gêneros de estórias pode ser distinguida. Estabelecem que todos os gêneros de estórias têm proposta comum: o entretenimento. Destacam ainda o caráter interpessoal dos recursos lingüísticos na construção das estórias. São esses significados interpessoais que tornam os eventos divertidos e atraentes.

A obra examina os gêneros discursivos como instâncias de processos sociais, nos quais atuam uma série de práticas institucionais importantes, formando, desse modo, a subjetividade das pessoas. Os gêneros representam meios de construir significados em uma cultura. As análises pretendem, assim, alcançar uma originalidade, ao usar como modelo a gramática funcional sistêmica, demonstrando como um gênero constrói uma prática social, como os cenários educacionais fornecem os contextos nos quais a aprendizagem ocorre em cada gênero e como teorizar sobre as matérias que ajudam a construir uma teoria da ação social, revelando como a análise funcional sistêmica é poderosa, quando se relaciona à construção social da realidade.

Este livro traz para lingüistas e cientistas sociais uma base teórica sobre a função do gênero discursivo na construção social da experiência, incluindo a visão de que os processos educacionais são críticos na construção de várias posições de relevância nos vários cenários dos quais participamos: escola, trabalho, comunidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Martin, J. R. Analysing genre: functional parameters. In: F. Christie e J. R. Martin (orgs.) *Genre and institutions: social processes in the workplace and school*. Londres e Nova York: Continuum, 1997, pp. 3-39.